

País vivia clima de hiperinflação em 1989

Os brasileiros votaram em 1989 com a economia à beira da hiperinflação, moratória externa e risco de calote federal. Para o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, a vitória final seria administrar a crise até março, quando o novo presidente poderia anunciar um programa salvador. O presidente, o primeiro eleito diretamente depois de 29 anos, não conseguiu salvar nem o próprio mandato. O vice, de novo, teve de tomar conta do Planalto. Eleição de 1994: a dívida externa está renegociada, o risco de novo calote interno parece muito remoto e o Banco Central tenta conter o ingresso de dólares. Hiperinflação não é assunto,

mesmo para quem tem muita dúvida sobre o Plano Real. O problema do ministro da Fazenda é empurrar por mais um trimestre um plano até agora bem sucedido, mas incompleto.

Há cinco anos, toda conversa era sobre mudança imediata a partir da posse: só assim seria possível evitar a falência completa do Estado, a queima

de toda reserva e a desordem geral dos preços. Hoje, todo candidato jura compromisso com o real. O próximo presidente parece, por enquanto, destinado a encontrar um país mais administrável a curto prazo, mais eficiente e com algumas reformas bem avançadas. Problemas de fundo permanecem: o setor público ainda está em crise, o desemprego é alto, o investimento é insuficiente, a pobreza continua e dezenas

de milhões de brasileiros não têm acesso a condições mínimas de saúde. Apesar disso, seria arriscado classificar como superficiais as diferenças entre as duas situações.

O ministro Mailson da Nóbrega, a partir do último trimestre,

concentrou-se no esforço de adiar o desastre. "Nossa tarefa", disse em outubro, "é evitar a desorganização da economia, evitar a desordem econômica e social que decorreria de um colapso do sistema de preços, com implicações indiscutivelmente graves no próprio processo eleitoral."

PROBLEMA É
EMPURRAR
PLANO MAIS
UM TRIMESTRE